



Manuela Camagni (1954-2010), *Memor Domini*, da Família Pontifícia, morreu num acidente automobilístico, no dia 24 de Novembro de 2010. O Santo Padre Bento XVI recolheu-se em oração por ela e celebrou uma missa de sufrágio no dia 2 de Dezembro de 2010. A Liturgia Exequial teve lugar no dia 29 de Novembro em San Piero in Bagno di Romagna.



BENTO XVI

**SOMOS  
MEMORES DOMINI  
PORQUE ELE É  
MEMOR NOSTRI**

A MENSAGEM E A HOMILIA  
PELA MORTE DA *MEMOR DOMINI*  
MANUELA CAMAGNI,  
DA FAMÍLIA PONTIFÍCIA

Caríssimos amigos,

a comovente participação do Santo Padre na dor pela morte da nossa amiga Manuela acompanhou-nos no viver a sua morte, tornando-nos mais conscientes do verdadeiro significado da nossa vocação. É da sua natureza de *Memor Domini* que o Santo Padre extraiu paz e consolação: “Dá-me paz pensar que Manuela é uma *Memor Domini*, uma pessoa que vive na memória do Senhor. Esta relação com Ele é mais profunda do que o abismo da morte. É um vínculo que nada e ninguém pode quebrar”. E assim nos explicou a nossa vocação: “Nós somos *memor Domini* porque Ele é *Memor nostri*”. “Esta memória do Criador não é apenas memória de um passado, porque a origem está presente, é memória da presença do Senhor”. Esta memória de Deus, que Cristo eleva e renova com o dom de si, do seu Corpo e do seu Sangue, é a origem da alegria, que fica coberta e obscura se nos afastamos pelo esquecimento da sua verdadeira fonte.

Peço-lhes que retenham as palavras do Santo Padre, que marcam de modo único a nossa história.

**Julián Carrón**

*Memores Domini.* Os *Memores Domini* sabem que Cristo, na véspera da Sua paixão, renovou, ou melhor, elevou a nossa memória. “Fazei isto em memória de mim”, disse, e assim nos deu a memória da Sua presença, a memória do dom de Si, do dom do seu Corpo e do seu Sangue, e neste dom do seu Corpo e Sangue, neste dom do seu amor infinito, tocamos de novo, com a nossa memória, a presença mais forte de Deus, o seu dom de si. Como *Memor Domini*, Manuela viveu exatamente esta memória viva, que o Senhor, com seu Corpo, se doa e renova o nosso saber de Deus.

Na controvérsia com os Saduceus sobre a ressurreição, o Senhor diz àqueles, que não creem nela: mas Deus chamou a si mesmo “Deus de Abraão, de Isaac, de Jacob”. Os três fazem parte do nome de Deus, estão inscritos no nome de Deus, estão no nome de Deus, na memória de Deus, e assim o Senhor disse: Deus não é um Deus dos mortos, é um Deus dos vivos, e quem faz parte do nome de Deus, quem está na memória de Deus, está vivo. Nós homens, com a nossa memória, podemos quando muito conservar apenas uma sombra das pessoas que amamos. Mas a memória de Deus não conserva apenas sombras, é origem de vida: aqui os mortos vivem, na sua vida e com a sua vida entraram na memória de Deus, que é vida. Isto nos diz, hoje, o Senhor: Tu estás inscrito no nome de Deus, tu vives em Deus com a vida verdadeira, vives da fonte verdadeira da vida.

Assim, neste momento de tristeza, somos consolados. E a liturgia, renovada depois do Concílio, ousa ensinar-nos a cantar “Aleluia” mesmo na Missa de Defuntos. Isto é audacioso! Nós sentimos sobretudo a dor da perda, sentimos sobretudo a ausência, o passado, mas a liturgia sabe que estamos no mesmo Corpo de Cristo e vivemos a partir da memória de Deus, que é memória nossa. Nesta trama da sua memória e da nossa memória estamos juntos, estamos vivos. Rezemos ao Senhor para que possamos sentir sempre mais esta comunhão de memória, que a nossa memória de Deus em Cristo se torne cada vez mais viva, e assim possamos sentir que a nossa verdadeira vida está nEle e nEle permanecemos todos unidos. Neste sentido, cantemos “Aleluia”, seguros de que o Senhor é a vida e o seu amor nunca acaba. Amém.

Entrou na festa do Senhor como virgem prudente e sábia, porque viveu não com a superficialidade de tantos que se esquecem da grandeza da nossa vocação, mas com a grande visão da vida eterna, e assim estava preparada para a chegada do Senhor.

Trinta anos *Memores Domini*. São Boaventura disse que, na profundidade do nosso ser, está inscrita a memória do Criador. E exatamente porque esta memória está inscrita no nosso ser, podemos reconhecer o Criador na sua criação, podemos recordar-nos, ver as Suas pegadas neste cosmo criado por Ele. São Boaventura disse também que esta memória do Criador não é apenas memória de um passado, porque a origem está presente, é memória da presença do Senhor; é também memória do futuro, porque é certeza de que viemos da bondade de Deus e somos chamados a alcançar a bondade de Deus. Por isso, nesta memória está presente o elemento da alegria, a nossa origem na alegria que é Deus e o nosso chamamento a chegar à grande alegria. E sabemos que Manuela era uma pessoa interiormente penetrada pela alegria, exatamente devido àquela alegria que deriva da memória de Deus. Mas São Boaventura acrescenta também que a nossa memória, assim como toda a nossa existência, é ferida pelo pecado: assim, a memória é obscurecida, é coberta por outras memórias superficiais, e não podemos mais ultrapassar estas outras memórias superficiais, ir até ao fundo, até à verdadeira memória que sustenta o nosso ser. Por isso, por causa deste olvido de Deus, deste esquecimento da memória fundamental, também a alegria é coberta, obscurecida. Sim, sabemos que somos criados para a alegria, mas já não sabemos onde se encontra a alegria, e buscamos-la em diversos lugares. Vemos hoje esta procura desesperada da alegria que se afasta sempre mais da sua verdadeira fonte, da verdadeira alegria. Olvido de Deus, olvido da nossa verdadeira memória. Manuela não era daqueles que haviam esquecido a memória: viveu exatamente na viva memória do Criador, na alegria da sua criação, vendo a transparência de Deus em tudo o criado, mesmo nos eventos cotidianos da nossa vida, e soube que desta memória – presente e futuro – vem a alegria.

**A MENSAGEM** que o Santo Padre Bento XVI enviou por ocasião das Exéquias da Memor Domini Manuela Camagni, da Família Pontifícia, falecida num acidente automobilístico no dia 24 de Novembro de 2010, lida por Dom Georg Gänswein no dia 29 de Novembro, durante a Liturgia Exequial em San Piero in Bagno di Romagna.

### **Caros irmãos e irmãs,**

De muito bom grado teria presidido as Exéquias da querida Manuela Camagni, mas – como podeis imaginar – não me foi possível. Todavia, a comunhão em Cristo permite a nós, cristãos, uma proximidade espiritual real, na qual compartilhamos a oração e o afeto da alma. Neste vínculo profundo, saúdo todos vós, de modo particular os familiares de Manuela, o Bispo diocesano, os sacerdotes, os *Memores Domini*, os amigos.

Gostaria de oferecer, muito brevemente, o meu testemunho sobre esta nossa Irmã, que partiu para o Céu. Muitos de vós conheceis Manuela há muito tempo. Pude beneficiar da sua presença e do seu serviço no apartamento pontifício, nos últimos cinco anos, numa dimensão familiar. Por isso, desejo agradecer ao Senhor pelo dom da vida de Manuela, pela sua fé, pela sua generosa resposta à vocação. A divina Providência a conduziu a um serviço discreto, mas precioso, na casa do Papa. Ela estava contente por isso, e participava com alegria dos momentos de família: da santa Missa matutina, das Vésperas, das refeições em comum e das várias e significativas ocasiões da casa.

A separação dela, tão repentina, e também o modo como nos foi tirada, causam-nos uma grande dor, que somente a fé poderá consolar. Encontro muito apoio ao pensar nas palavras que dão o nome à sua comunidade: *Memores Domini*. Meditando sobre estas palavras, sobre seu significado, encontro um sentido de paz, porque elas chamam a atenção para uma relação profunda que é mais forte do que a morte. *Memores Domini* quer dizer: “que recordam o Senhor”, isto é, pessoas que vivem na memória de Deus e de Jesus, e nesta memória cotidiana, cheia de fé e de amor, encontram o sentido de cada coisa, desde as pequenas ações até às grandes escolhas, do trabalho, do estudo, da fraternidade. A memória do Senhor enche o coração de uma alegria profunda, como diz um

antigo hino da Igreja: “*Jesu dulcis memoria, dans vera cordis gaudia*” [Jesus doce memória, que concede a verdadeira alegria de coração].

Por isso me agrada pensar que Manuela é uma *Memor Domini*, uma pessoa que vive na memória do Senhor. Esta relação com Ele é mais profunda do que o abismo da morte. É um

vínculo que nada nem ninguém pode romper, como diz São Paulo: “[Nada] nos poderá separar do amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 8, 39). Sim, se nos lembramos do Senhor é porque Ele, antes, se lembra de nós. Somos *memores Domini* porque Ele é *Memor nostri*, se lembra de nós com o amor de um Genitor, de um Irmão, de um Amigo, mesmo no momento da morte. Por mais que, às vezes, possa parecer que naquele momento Ele está ausente, que se esqueceu de nós, na realidade estamos sempre presentes para Ele, estamos no seu coração. Onde quer que possamos cair, caímos em suas mãos. É exatamente ali, onde ninguém nos pode acompanhar, que Deus nos espera: a nossa Vida.

Caros irmãos e irmãs, nesta fé cheia de esperança, que é a fé de Maria junto à cruz de Jesus, celebrei a santa Missa de sufrágio por Manuela na manhã mesma de sua morte. E, enquanto acompanho com a oração o rito do seu sepultamento, transmito com afeto aos familiares, às coirmãs e a todos vós a minha Bênção.

**A HOMILIA.** Na Capela Paulina, Bento XVI presidiu, na quinta-feira pela manhã, 2 de Dezembro, a missa em sufrágio de Manuela Camagni. Concelebraram o arcebispo Fernando Filoni, substituto da Secretaria de Estado, o padre Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação, os monsenhores Georg Gänswein, secretário particular do Pontífice, Alfred Xuereb, da Secretaria Particular, Ettore Balestrero, subsecretário para o relacionamento com os Estados, Fortunatus Nwachukwu, chefe do Protocolo, Alberto Ortega, da Secretaria de Estado e Alain de Raemy, capelão da Guarda Suíça Pontifícia. Participaram na celebração o arcebispo James Michael Harvey, prefeito da Casa Pontifícia, o bispo Paolo De Nicolò, regente da Prefeitura, o médico pessoal do Papa, Patrizio Polisca, o comandante da Guarda Suíça

*Pontifícia, coronel Daniel Rudolf Anrig, o diretor do Corpo de Polícia vaticana, Domenico Giani, o diretor do L'Osservatore Romano. Com eles, as três “Memores Domini” do apartamento pontifício, Loredana, Cristina e Carmela, a irmã Birgit Wansing, do movimento de Schönstatt, e a irmã Christine Felder, da Família Espiritual L'Opera; o pessoal leigo do apartamento e da antecâmara. Estavam também presentes homens e mulheres da associação “Memores Domini” que vivem em Roma – entre eles também Cristiana Maraviglia, da direção nacional – e numerosas religiosas residentes no Vaticano. O rito foi dirigido por monsenhor Guido Marini, mestre de celebrações litúrgicas do Sumo Pontífice, auxiliado por monsenhor Enrico Viganò, cerimoniário pontifício. Os vários momentos da liturgia foram acompanhados pelo quarteto da Capela Sistina, regido pelo padre Massimo Palombella.*

#### **Caros Irmãos e Irmãs,**

Nos últimos dias de sua vida, a nossa querida Manuela falava que no dia 29 de novembro celebraria 30 anos de pertença à comunidade dos *Memores Domini*. E disse-o com grande alegria, preparando-se – essa era a impressão – para uma festa interior por este caminho de trinta anos em direção ao Senhor, na comunhão dos amigos do Senhor. A festa, porém, era diferente daquela prevista: exatamente no dia 29 de novembro nós a levamos para o cemitério, cantamos pedindo que os Anjos a acompanhassem ao Paraíso, nós a guiamos para a festa definitiva, para grande festa de Deus, para as Núpcias do Cordeiro. Trinta anos no caminho rumo ao Senhor, entrando na festa do Senhor. Manuela era uma “virgem sábia, prudente”, trazia o óleo na sua lâmpada, o óleo da fé, uma fé vivida, uma fé alimentada pela oração, pelo diálogo com o Senhor, pela meditação da Palavra de Deus, pela comunhão na amizade com Cristo. E esta fé era esperança, sabedoria, era certeza de que a fé abre ao verdadeiro futuro. E a fé era caridade, era dar-se aos outros, viver no serviço do Senhor pelos outros. Eu, pessoalmente, devo agradecer por esta sua disponibilidade em dedicar as suas forças ao trabalho na minha casa, com este espírito de caridade, de esperança que vem da fé.